

Povos Indígenas no Brasil

Fonte ESP

Class.: 748

Data 12/8/84

Pg.: _____

Resposta aos antropólogos

ALVARO VILLAS BÔAS

Acabo de ler com algum atraso o artigo "Novamente a Funai" ("Folha" -19/7), escrito a quatro mãos por Eunice Durham e Eduardo Viveiros de Castro, ambos antropólogos e professores da USP e Museu Nacional, respectivamente. O artigo, para o meu gosto, é rançoso, empolado e chato, como tudo, ou quase tudo, que vem da chamada "elite universitária" do nosso País. Mas isso é irrelevante. O que importa é a essência da coisa, ou seja, a idéia capciosa que os dois antropólogos procuram inculcar no leitor mal informado: — dizem eles que a revolta sem armas dos índios de São Paulo e Paraná, que vieram a Bauru e ocuparam a Delegacia da Funai em sinal de protesto contra a demissão do Delegado (eu, no caso), foi insuflada por mim, velho sertanista inconformado com os rumos da "nova Funai", atualmente comandada por notáveis administradores, caciques incorruptíveis etc., etc. Quanta tolice! Fique o leitor sabendo que essa "nova Funai", nascida imediatamente após o golpe imoral que derrubou o Presidente Octávio Ferreira Lima, começa a produzir seus primeiros frutos. Não se trata, é claro, de frutos insignificantes, como, por exemplo, a demarcação de áreas indígenas, a vacinação, o reequipamento dos Postos, o emprego criterioso dos dinheiros públicos etc. Nada disso. A grande vitória da atual administração consiste em ter obtido o apoio incondicional do cacique-deputado Mário Juruna, e isto aconteceu no dia em que Juruna passou a dar ordens dentro da Funai, com o respaldo de funcionários, antropólogos de fora, pseudo-antropólogos da Casa, "jornalistas" (entre aspas), "líderes indígenas" e outros mais. E assim, o Brasil ficou sendo o único país do mundo em que uma agência ou repartição do governo é dirigida por um deputado da oposição. Incrível. Depois desse "arranjo", Juruna, que era um espinho, uma coceira, uma pedra no sapato etc., para as administrações anteriores, virou doce de coco e agora só abre a boquinha para louvar a Funai.

Mas é preciso voltar ao artigo da Professora Eunice e de seu colega. Eles falam em Ajudância de Bauru — que deixou de existir em 1977; falam também que está havendo uma luta pelo poder dentro da FUNAI, com "gente nova" de um lado e velhos indigenistas de outro. Não é verdade. O que houve foi o seguinte: a destruição da Delegacia de Bauru — o único setor da FUNAI que realmente funcionava — era um velho sonho de Juruna e seus comparsas. Quando surgiu a oportunidade, esse grupo — dominado pelo ódio, mergulhado na própria ignorância — desfechou o golpe. Eles não podiam aceitar, nem sequer entender, a Delegacia de Bauru. Aqui, a libertação do índio aculturado (a verdadeira, não aquela farsa encenada que se vê em Brasília), estava sendo conquistada passo a passo, dia após dia, durante, sem alarde, por meio do trabalho honesto, sem Mário Juruna, sem reportagens coloridas, sem a pre-

sença deletéria dos que criaram a "indústria do índio" no Brasil. Aqui, o índio havia deixado de ser "bóia-fria" para trabalhar em sua própria terra; as crianças estavam todas vacinadas e muitas recebiam alimentação suplementar; aqui, os ranchos miseráveis cediam lugar às casas de material pré-moldado ou de tijolos, e a produção de milho, algodão e amendoim — cultivados pelo índio em curva de nível — era superior à média brasileira por hectare. Dessa forma, cada favo de mel produzido (Posto Ivaí), cada espiga colhida, cada "jeans" fabricado por índias kaingang em máquinas elétricas após dois anos de treinamento (Posto Vanuize), cada árvore frutífera plantada, representava um avanço rumo à liberdade. Não havia paternalismo. Agora, tudo isso deverá afundar, sumir, morrer, sob os aplausos da Sra. Eunice Durham, do Sr. Viveiros de Castro e de outros intelectuais das nossas Universidades. Os Postos Indígenas de S. Paulo e Paraná entrarão em decadência, e o índio (pobre índio!), voltará a ser "bóia-fria" para felicidade geral dos fazendeiros. Creio que não é preciso acrescentar mais nada. De resto, num país em que documentos históricos são transformados em papel higiênico, parece-me inteiramente inútil dizer ou escrever seja lá o que for. Estarei exagerando?